

HISTÓRIAS DE VIDA, PRECONCEITO E UM DIÁLOGO COM AS PROFESSORAS NEGRAS DO ALTO-OESTE

Jhonnys Ferreira do Nascimento

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)

lord.jhonnys@hotmail.com

Débora Maria do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

pedeboramar@yahoo.com.br

Resumo: neste trabalho apresentamos resultados da pesquisa “*A Presença negra no magistério: formação, memória e saberes de professoras negras do alto-oeste potiguar-II etapa*”, que tem como objetivo principal analisar trajetórias de vida e formação de professoras negras do alto oeste-potiguar, identificando suas relações de pertencimento étnico-racial e processos de desenvolvimento pessoal e profissional. Toma como procedimento teórico-metodológico de investigação a abordagem autobiográfica, cujo instrumento de construção de dados utilizado foi a entrevista narrativa. Nesta etapa privilegiou-se estudos do referencial teórico, análise de obras literárias autobiográficas, construção de instrumentais, mapeamento de sujeitos, busca de adesão e desenvolvimento e análise de entrevistas com professoras negras. Para este texto utilizou-se de duas entrevistas narrativas construídas com duas professoras do município de Água-Nova, localizado no alto-oeste potiguar. Inferiu-se sobre a infância, as possíveis manifestações preconceituosas vivenciadas, o ingresso na profissão docente e a importância da profissão para a melhoria de vida. Observou-se que houve, no caso de uma das docentes, uma vivência escolar racista, sendo esta vítima de uma de suas professoras, que chamava-a de “Antônia preta”, contribuindo para a construção de um ambiente escolar pouco inclusivo. A título de hipótese, indicamos que há uma relação entre a denúncia do racismo vivenciado e a construção de uma personalidade forte, e o silenciamento dessas situações e a construção de uma personalidade intimista.

Palavras-Chave: Autobiografia, Formação, Saberes, Identidade étnicorracial.

INICIANDO A CAMINHADA

Neste artigo trazemos resultados da pesquisa “*A presença negra no magistério: formação, memória e saberes de professoras negras do alto-oeste potiguar-II ETAPA*”, cujo objetivo principal é analisar trajetórias de vida e formação de professoras negras do alto oeste-potiguar, identificando suas relações de pertencimento étnico-racial e processos de desenvolvimento pessoal e profissional. Dessa forma, esse objetivo articula-se a necessidade de problematizarmos: o que significou e significa ser mulher, negra e professora ao longo de suas trajetórias de vida e formação profissional? Quais foram as suas condições existenciais e que estratégias de enfrentamento a essas condições foram empreendidas, que lhes

possibilitaram avançar e superar as dificuldades na busca do desenvolvimento pessoal e profissional? Essas questões vêm orientando esta pesquisa, tendo em vista que a mesma tem continuidade e já está em sua terceira etapa.

No processo de mapeamento das professoras trabalhamos com a autodeclaração, tendo em vista que é importante desde o contato inicial com as professoras que elas se autoidentifiquem como negras, pois as relações de pertencimento são cruciais no contexto dessa pesquisa, cujos laços identitários são por nós analisados a partir dessa autodeclaração. Assim, reconhecer-se e identificar-se como negra é o passo inicial para que o diálogo acerca das questões como ser negro (a), ser mulher professora, possam fluir no diálogo com as possíveis participantes da pesquisa.

A pesquisa tem sido desenvolvida seguindo os seguintes procedimentos: mapeamento das professoras negras nas escolas públicas de municípios do alto-oeste potiguar; busca da adesão voluntária dessas professoras; realização de entrevistas narrativas. Até esse momento foram mapeadas professoras nos seguintes municípios: Pau dos Ferros; Portalegre e Água Nova.

Nesta segunda etapa da pesquisa, foram aplicados questionários nos seguintes municípios: Água Nova-RN 31, sendo 16 deles as professoras do ensino infantil e 15 as professoras do ensino fundamental; Pau dos Ferros-RN 36, sendo 11 as professoras na Escola Estadual Patronato Alfredo Fernandes e 25 na rede municipal com professoras do ensino fundamental e Portalegre-RN, 31 questionários, 8 com as professoras do ensino infantil e 23 as professoras do ensino fundamental. Dentre as professoras que se autodeclararam negras e que aceitaram participar da pesquisa, 4 professoras nos concederam entrevistas, 2 da cidade de Água Nova-RN e 2 da cidade de Portalegre-RN.

A participação das professoras foi voluntária, tendo sido proposto que assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido, no qual as professoras foram esclarecidas dos objetivos, procedimento da pesquisa, utilização e divulgação dos dados; também foi exposto que elas tinham a opção de aceitar, como também retirar-se a qualquer tempo da pesquisa, sem nenhum prejuízo para as mesmas.

Neste artigo trazemos análises da trajetória pessoal e profissional de duas professoras do município de Água Nova-RN, que em conformidade com os objetivos da pesquisa analisamos questões como: preconceito, acesso à carreira do magistério, identidade étnica e profissional.

APONTAMENTOS TEÓRICOS

No debate sobre a natureza da pesquisa e seus fundamentos epistemológicos, caracterizamos esta pesquisa como de natureza qualitativa, por partir da compreensão de que os fenômenos educacionais, especialmente aqueles que tratam da relação do sujeito com as suas histórias de vida e atuação na sociedade, são atravessadas por relações que se baseiam nas interações e práticas sociais, por isso consideram a posição do sujeito na sociedade, sua capacidade responsiva, suas subjetividades e interações. Nesse sentido, podemos dizer que a pesquisa de natureza qualitativa, mais do que se preocupar com aspecto da neutralidade científica, hipótese e variáveis, ela se preocupa com os processos históricos e com as determinações sociais, políticas e econômicas que deram origem e modificam os fenômenos sociais e humanos. Assim, dentre as inúmeras abordagens da pesquisa qualitativa, para dar conta do objetivo desta pesquisa, tomamos como referência teórico-metodológica a abordagem autobiográfica e os estudos da memória.

Compreendemos que os estudos autobiográficos possibilitam traçar a trajetória dos sujeitos, identificar marcas identitárias e de pertencimento étnico-racial, a relação dos sujeitos com os seus saberes e suas práticas profissionais. A narrativa autobiográfica de vida e formação conforme esclarece Chaves (2006, p. 162) permite “a compreensão de que a história de vida pessoal é indissociável da história da vida profissional dos professores”, então estas dimensões, pessoal e profissional, são constituintes das práticas, condutas, pensamentos, saberes e posturas pedagógicas assumidas na vida profissional, portanto indispensáveis para a compreensão da constituição histórica da profissionalização e profissionalidade docente.

O propósito de trabalhar com a narrativa autobiográfica também objetiva tornar visível para Si e para os Outros a condição existencial das professoras negras, ou seja, a história que as constituíram como pessoas e como profissionais, de forma a destacar aspectos da cultura, práticas e as contribuições dessas mulheres negras e professoras para a construção de um ideário pedagógico para seu povo e para o seu entorno social.

Quanto aos estudos da memória, esta se constitui em uma forma de evocar o passado, também se constitui em um mecanismo que possibilita ao sujeito reter informações, conhecimentos, acontecimentos que foram significativos não somente para si, mas para o que pode representar modo, costumes, pensamentos e ações de uma coletividade.

No processo de análise das narrativas, observamos que o método hermenêutico tem sido o mais utilizado, bem como a análise do discurso e análises estruturais que levam em consideração a gramática do texto, isto é, a figura do narrador, a linguagem e os tempos

verbais utilizados na narrativa que vão demonstrando a relação dos autores com a sua história e o seus saberes.

Ao consideramos nesta pesquisa que o ser, o tornar-se e o reconhecer-se mulheres, negras e professoras se constituem nas interações sociais, encontramos-nos com a necessidade de considerar a linguagem como mediadora desse processo. Para isso, os estudos de Bakhtin (2002, 2010) foram tomados como referência teórica de análise dos discursos das professoras, especialmente as discussões sobre linguagem e discurso, contextos enunciativos, o tema e as significações para interpretação dos dados que construídos na pesquisa. Nessa perspectiva, consideramos o entendimento do autor sobre os gêneros do discurso e os contextos enunciativos, a partir dos quais atribuímos os sentidos e significados extraídos das situações enunciativas.

Para analisarmos as narrativas autobiográficas, identificando como se constituíram o ser docente e as relações de pertencimento à cultura negra, algumas categorias teóricas tornaram-se indispensáveis para aprofundamento e análise dos dados, quais sejam: raça, identidade, cultura e profissão docente.

Nos estudos das categorias cultura e identidade os aportes teóricos de Hall (2014) foram um dos referenciais que nos permitiram compreender como vem se dando a transformação das identidades culturais do sujeito moderno, que até então serviam de base para definir seu lugar na sociedade, onde a identidade do sujeito era tida como uma referência que o definia como ser social. Dessa forma, Hall (2014) problematiza as mudanças que vem ocorrendo com as noções que foram sendo construídas sobre as identidades na sociedade pós-moderna, questionando sua fragmentação ou sua descentralização e suas principais consequências. A partir desse autor compreendemos também que o conceito de raça é uma construção social e política, pois para ele raça é “a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração exclusão- ou seja, o racismo” (HALL, p. 69). Tal posição contribuiu para entendermos como a questão do racismo vem sendo tratada no contexto brasileiro e suas implicações nas práticas sociais.

Nas discussões sobre a noção de cultura tomamos como referência os estudos de Geertz (2012) e Laraia (2005). Nos estudos de Geertz (2012) o sentido de cultura é tratado em uma perspectiva semiótica, sendo considerado como um sistema de signos interpretáveis, assim ao imprimir sentido antropológico de cultura, essa visão nos leva a entender que a imersão nas histórias de vida das professoras nos permitem essa descrição densa de suas realidades, seus conflitos e os desafios vivenciados nos seus processos de vida e de trabalho, pois a análise antropológica da cultura se constitui em uma descrição densa dessas realidades

de forma a possibilitar o “[...] acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos” (GEERTZ, 2012, p. 17).

O conceito de cultura tratado por Laraia (2005) traz questionamentos em torno do determinismo biológico e geográfico, para demonstrar que as diferenças entre os homens não são dadas nem pelas características genéticas, nem pelo espaço no qual vivem, mas pela sua cultura, isto é, pela forma como transmitem e como vivenciam sua cultura. Dessa forma, para Laraia (2002) o modo como observamos o mundo, o julgamento que fazemos dele quanto à ordem moral e de valores, bem como os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais, seriam o legado de uma cultura. Esses fundamentos em torno da noção de cultura postos por esse autor são fundamentais para compreendemos que as relações que as professoras estabelecem entre o ser negro(a) e a constituição delas como mulheres, professoras são tecidas nas interações com o espaço social e cultural do qual fazem parte.

A categoria profissão docente é compreendida na perspectiva da profissionalização, ou seja, no processo que é histórico, social, cultural e político de valorização do ensino e de seus profissionais/saberes (NÓVOA, 2008; VICENTINI e LUGLI, 2009). Corroboramos dos pressupostos de Lelis (2014) quando afirma utilizou-se de histórias de vida de professoras primárias para construir um contra-discurso que enfrentasse os discursos dominantes que insistem em desvalorizar os saberes e as práticas dos professores. Esses discursos acabam por construir um conhecimento prévio, pelo negativo, sobre a profissão, que contribui, ainda mais, para denegrir a imagem do magistério. Nesse sentido, é preciso dar voz aos professores (NÓVOA, 2007) reconhecendo, através da autobiografia, as manifestações sociais, culturais e políticas na individualidade de cada profissional, e os possíveis impactos, no caso dessa pesquisa, do racismo/preconceito, na construção do ser mulher, negra e professora.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

*“Pássaro negro cantando na calada da noite
Pegue essas asas quebradas e aprenda a voar
Toda sua vida
Você só esperou este momento para ser livre” (Blackbird, The Beatles)*

A canção *blackbird* é uma composição do grupo britânico *The Beatles*, gravada em 1968. Construída no bojo dos conflitos raciais norte-americanos, a música expressa a luta das mulheres negras por emancipação social e econômica. O pássaro negro, melro, simboliza a mulher negra, incitando-a a tomar uma atitude, a percorrer os caminhos que a levará à

liberdade social e política. Esse significado politizado da expressão *blackbird* deu-se a partir dos movimentos dos direitos humanos, tendo em vista que até então, desde a escravidão, a palavra era carregada de um conteúdo pejorativo¹.

Nessa conjuntura, temos as aguerridas professoras negras partícipes desse estudo que, superando uma infância permeada de preconceitos, conseguiram mudar suas realidades. Tornaram-se professoras e puderam (re)construir suas existências, combatendo o racismo com conquistas sociais emancipatórias, elaborando contra-discursos que foram e são salutares para as novas gerações. Começamos a discorrer sobre a história de vida dessas duas mulheres, enfocando os preconceitos vividos, ou não, na infância, e a trajetória de ingresso na profissão docente.

Quadro 01: Idade, Local de Nascimento, Formação Acadêmica e Tempo de Carreira

NOME	LOCAL DE NASCIMENTO	RESIDÊNCIA ATUAL	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE CARREIRA
Neide	Zona Rural de Encanto	Zona Urbana de Água Nova	Pedagoga. Especialista em Psicopedagogia	30 anos
Vanessa	Zona Rural de Água Nova	Zona Urbana de Água Nova	Graduada em Letras e Pedagogia/Especialista	17 anos

Fonte: Elaboração dos Autores, 2016

Conforme o **Quadro 01**, as duas professoras nasceram na zona rural, uma do Encanto e a outra de Água Nova, localizados no Alto-Oeste do Estado do Rio Grande do Norte. Atualmente as duas moram na zona urbana de Água Nova. No que se refere à formação acadêmica, as duas professoras são graduadas em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia. O tempo de carreira varia entre 17 a 30 anos.

Em comum, as professoras Neide e Vanessa possuem a residência na região do Alto-Oeste potiguar, tendo vivido partes de suas vidas no município de Pau dos Ferros, onde ingressaram na Educação Básica, mas deslocando-se constantemente por outras cidades, principalmente Neide, que tinha pai policial e necessitava transitar por diversas regiões. O pai da docente Vanessa também era policial, deixando a profissão depois de alguns anos, indo viver do ofício de pedreiro. As mães eram donas de casas, responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos.

Quadro 02: Ocupação Profissional e Formação Acadêmica dos Pais

¹ As informações desse parágrafo foram sistematizadas a partir do sítio eletrônico: <https://thebeatlepedia.wordpress.com/2014/03/12/a-historia-da-cancao-blackbird/>. Tradução dos autores.

NOME	PAI		MÃE	
	PROFISSÃO	FORMAÇÃO	PROFISSÃO	FORMAÇÃO
Neide	Policial	Não Escolarizado	Dona de Casa	Ensino Fund. Incompleto
Vanessa	Agricultor	Não Escolarizado	Agricultora	Não Escolarizada

Fonte: Elaboração dos Autores, 2016

Os **Quadros 2 e 3** sintetizam alguns pontos: os sujeitos da pesquisa são originários de famílias camponesas, com fonte de renda baseada na agricultura de subsistência, tendo seus pais e mães uma relação histórica com a terra/agricultura. Por causa das condições de vida na zona rural, e as dificuldades de sobreviver, as professoras buscaram superar uma trajetória familiar na agricultura e no campo, percorrendo outro caminho que não fosse o de seus pais: a docência. Observe-se que, aquelas que nasceram na zona rural atualmente residem na zona urbana. Antes de falarmos sobre os motivos que levaram estas mulheres à profissão docente, refletir-se-á sobre a infância destas mulheres.

Sobre os primeiros anos, recorda-se Vanessa (ENTREVISTA, 2016): “Da minha infância eu gostava muito daquelas brincadeiras de boneca e da vizinhança [...]”. Além disso, rememora com carinho de sua primeira professora: “[...] eu gostava bastante e **ficou marcada a forma como ela agia na sala**, eu a achava uma pessoa bem delicada e foi com quem eu me alfabetizei” (ENTREVISTA, 2016, destaques nossos). Já Neide (ENTREVISTA, 2016) apresenta em suas reminiscências dos primeiros anos uma dualidade discursiva, primeiro afirmando que sua infância foi muito sofrida, por causas das constantes mudanças de cidade: “O que a criança quer?! A escola, o professor e os amiguinhos; aí de repente eu tinha que me separar dos meus amiguinhos, do meu professor [...]”. Nesse mesmo sentido, afirma: “Eu gostava da escola, mas eu não gostava da minha professora. Por que eu era canhota e ela queria me obrigar a escrever com a mão direita e eu não sabia” (ENTREVISTA, 2016). Mas, mesmo com essa realidade difícil, indica em suas falas que teve bons momentos, haja vista que “[...] gostava de reunir aqueles amigos para fazer um guisado no final de semana, tomar banho de rio, eu gostava muito de tomar banho de rio, e gostava muito de me aventurar” (ENTREVISTA, 2016).

Percebe-se, no exposto, que as infâncias dessas professoras apresentam momentos que vão desde o querer bem ao primeiro educador, das brincadeiras, às dificuldades vivenciais nos primeiros anos, principalmente pela falta de um local raiz, onde pudesse firmar e construir relações, e pelos conflitos com a professora alfabetizadora. Assim, passamos a refletir sobre

os possíveis enfrentamentos de discursos/relações preconceituosas nessa fase da vida, principalmente na escola.

Quadro 03: Lembranças e Silêncios Sobre o Preconceito Vivenciado na Infância

	PROFESSORA NEIDE	PROFESSORA VANESSA
Na Escola	“Por que ela (professora) me chamava de Antônia preta, então os outros meninos me chamavam: Ei, Antônia preta! Não foi Antônia preta! Antônia preta beliscou! Antônia preta puxou meu cabelo. Eles chamavam e eu ia lá e me vingava, eu não gostava de Antônia e também não gostava de ser preta, mas eu era preta e eu não gostava”.	“Eu vivenciei, assim, não por causa da minha cor, mas eu lembro por que eu era magrinha, ainda sou como pode ver. Então quando eu estava na terceira série, começam uns apelidos justamente por isso, Olivia Palito era um, mas que eu me lembre mais era esse. De cor não”.
CasaEm	“A família do meu pai, a família da minha mãe não aceitava o casamento da minha mãe com o meu pai devido meu pai ser negro e também ser policial [...]”	Não Citou
Comportamento	“Eu era muito espevitada, muito briguenta, mas eu era estudiosa. Eu gostava de estudar, mas eu era aquela aluna que realmente tirava o juízo do professor”.	“Eu era muito tímida, muito retraída. Eu sofri um pouquinho com isso. [...] então quando ela (amiga) não ia eu sofria mais ainda, eu sofria bastante com essa timidez e de estar ali eu tinha medo, mas eu gostava de ir para a escola, me relacionava bem com os professores”.

Fonte: Elaboração dos Autores, 2016

Antes de iniciar as análises, cabe-nos afirmar que as mesmas são a título de hipóteses, tendo em vista que os dados preliminares do estudo não nos legitima a fazer maiores afirmação. Certamente que com o aprofundamento dos dados, na próxima etapa da pesquisa, poderemos confirmar ou refutar o exposto. Observou-se, na construção e sistematização dos discursos evocados pelas partícipes, que há uma provável relação entre a denúncia do racismo vivido e um comportamento, na infância, mais rebelde, enquanto que os silêncios sobre essa situação podem contribuir para a timidez e sofrimento. Salta aos olhos a afirmação da educadora Neide que sua primeira professora, que era freira, a nomeava de “Antônia preta”, gerando um ambiente racista, onde a docente instigava, a partir do discurso, que os demais alunos a insultassem da mesma forma. Uma educação pelo exemplo, só que pelo negativo.

Essa percepção compele a criança negra à vergonha de ser negra. Confere-lhe sua participação em um grupo “invisível” dentro da escola. Esse procedimento pode minar, aos poucos, a sua identidade. À criança branca resta a compreensão de sua superioridade étnica, irreal, e o entendimento da inferioridade, também irreal, dos indivíduos negros (CAVALLEIRO, 1998, p. 199).

A vergonha de ser negra também está expressa no discurso denunciador da professora Neide, quando afirma que não gostava de ser chamada de Antônia e não gostava de ser negra. A mediação cruel de sua primeira docente, elaborando termos pejorativos para nomear uma criança, demonstra o que Cavalleiro (1998) afirma em seu texto, de que existe um silêncio sobre as questões étnicas que começa no lar e continua nas escolas. Um silêncio sobre o enfrentamento dessas situações. Em nenhum momento Neide diz se seus pais tomaram alguma atitude com relação a esta professora, ou seja, provavelmente silenciaram o racismo escolar. Seu pai também foi vítima de uma sociedade racista, quando lhe foi segregado o direito de casar com uma mulher branca. Interessante observar que resistindo a esta situação, como a mesma afirma, ela construiu uma personalidade forte, vista pelos ditames da época como rebelde. Na verdade, uma identidade de resistência, aguerrida, que tentava prosseguir na trajetória escolar.

Com um discurso distinto, a professora Vanessa silencia possíveis manifestações racistas em sua vivência escolar, afirmando que sofria muito mais por causa de seu peso e timidez. Em sua fala, vimos um pequeno ato falho no momento em que diz: “[...] mas que eu me lembre **mais** era esse” (ENTREVISTA, 2016). Esse *mais* nos leva a entender que existia sim outro preconceito, mas que não foi lembrado por ela. Ao refletir sobre memória, principalmente sobre os não-ditos, sobre os silenciamentos, Brandão (2008, p. 52) afirma: “Muitos calaram por medo, outros por vergonha e culpa, outros porque não queriam transmitir os sentimentos negativos para a nova vida, ou para sobreviver”. Seja da ordem do consciente ou do inconsciente, a reminiscência silenciou quaisquer resquícios do que foi vivido sobre o racismo. Mas, vemos que a personalidade intimista, reservada, que causa sofrimento, esteve presente na infância da professora Vanessa. E, pode ter sido a síntese de uma não-denúncia destas situações.

Passemos agora a refletir sobre o ingresso na docência. A professora Vanessa é oriunda de uma família com baixo nível de escolarização, conforme o **Quadro 2**, mas que a incentivava a estudar: “Os meus pais, eles não tinham estudo, mas tinha sempre o incentivo, sempre incentivada [...]” (ENTREVISTA, 2016). Seus pais viveram em uma realidade com poucas oportunidades para o pequeno agricultor: “[...] os meus pais são da roça, é daquele povo, daquele tempo bem difícil, que batalhava, o que tinha era o que plantava mesmo, vivia da agricultura” (ENTREVISTA, 2016). A identidade dos sujeitos do campo foi estruturada ao longo da história por uma lógica de “[...] opressão e da discriminação, que é econômica, política e cultural” (CALDART, 2011, p. 153). Através do exposto o fato de que “[...] o

trabalhador rural sempre foi explorado e marginalizado, [...] sua presença não é notada como categoria profissional nas negociações salariais e/ou semelhantes” (LEITE, 1999, p. 68). Pensando nessa situação de marginalização e segregação do valor social do trabalho na agricultura, é evidente que as professoras do estudo quiseram romper com essa lógica de exploração que até então foi hereditária com seus antepassados.

Vivenciando dificuldades econômicas, mas com grande incentivo aos estudos, Vanessa buscou na docência uma forma de melhorar suas condições de vida, tendo em vista que naquele momento histórico era uma profissão que oferecia ampla oportunidade de trabalho: “Aqui na nossa região, ainda hoje é um dos que oferece mais na questão de trabalho, às vezes se precisa de um contrato” (ENTREVISTA, 2016). Rememora que iniciou sua carreira ainda adolescente, com 16 ou 17 anos, auxiliando outra professora: “Pelo trabalho as pessoas vêm aquela pessoa que dá certo o perfil, então me viram e me chamaram, e eu aceitei” (ENTREVISTA, 2016).

A professora Neide também tem sua origem permeada pela parca escolarização de seus pais, mas com incentivo: “Eu tinha a hora de estudar, por que meus pais me incentivavam muito” (ENTREVISTA, 2016). Seu pai, analfabeto, ganha destaque em suas reminiscências: “Ele gostava quando a gente aprendia a ler, que ia ler na frente dele [...] queria que os filhos todos estudassem, que era para não ser igual a ele” (ENTREVISTA, 2016). Essa forte lembrança, onde um pai busca romper com uma trajetória de segregação social, via educação, é importante no caso das duas professoras, pois demonstra a referência que as duas tiveram no contexto familiar. Aos quinze anos deixa os bancos escolares em busca dos bancos da igreja: casa-se. Tem uma filha. E com cinco meses de casamento separa-se, regressando à casa de seus progenitores. Depois de um tempo casa-se novamente. É nessa fase da vida que ingressa, à título precário, e por convite, na docência: “Com o tempo eu comecei a trabalhar na prefeitura daqui, com pouco estudo, eu não tinha concluído nada” (ENTREVISTA, 2016). Afirma que a entrada no magistério infantil representou muito: “[...] por que eu gosto, sempre gostei de ser professora, sempre gostei de criança, tive muitos filhos [...]” (ENTREVISTA, 2016).

Como podemos observar, o nascimento em uma família com histórico de baixa escolaridade, que viviam dos recursos financeiros obtidos da agricultura ou de ocupações menores, fez com que se construísse um ambiente onde os pais incentivassem suas filhas a romper com esse legado familiar de segregação. Atrela-se a isso a facilidade de ingresso na carreira docente, por causa da ampliação de vagas no sistema de ensino e a falta de professores (VICENTINI e LUGLI, 2009). Esse ambiente histórico propiciou o ingresso

dessas mulheres no magistério. Além disso, a profissão professor foi as asas que estes pássaros negros encontraram para alçar voo, em busca da liberdade econômica, social e cultural, via educação e trabalho digno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme expusemos no decorrer deste texto, a pesquisa intitulada “*A presença negra no magistério: formação, memória e saberes de professoras negras do alto-oeste potiguar-II ETAPA*”, buscou analisar as trajetórias de vida de professoras negras da região do alto-oeste potiguar, iniciando com os municípios de Portalegre e Água-Nova.

Esse texto é síntese das entrevistas narrativas construídas com duas professoras de Água-Nova, onde pudemos analisar a infância, onde há marcas de racismo vivenciado no ambiente escolar, o incentivo dos pais para o progresso escolar das professoras, e o ingresso na profissão professor, que rompeu com uma lógica de segregação social de duas famílias camponesas que tinham na agricultura sua maior fonte de renda. Seus pais, que possuíam pouca escolaridade, incentivaram que as professoras continuassem estudando, tornando-se as primeiras da família a concluir o Ensino Superior.

As marcas do racismo/discriminação foram expostas pela professora Neide, que viu uma parte de sua infância ser impregnada de preconceito por parte de sua professora, que por falta de ética e reflexão denominava-a de “Antônia preta”, corroborando para a construção de uma menina de personalidade forte, que não se intimidava frente a esta realidade. Já nas reminiscências da professora Vanessa há um silenciamento com relação ao preconceito racial no decorrer da vida, transformando-a em uma criança intimista, calada e recatada. Há, a título de hipótese, uma relação entre a denúncia – personalidade forte, silêncio – personalidade reservada.

Com o apoio moral dos pais, as professoras partícipes conseguiram sobreviver às situações de preconceito no decorrer da trajetória escolar e tornaram-se professoras, primeiro a título precário, depois com a formação acadêmica transformaram-se em profissionais do ensino. A facilidade de ingresso no mercado de trabalho foi salutar para as escolhas profissionais, que potencializou a transformação de vida destas mulheres, negras e professoras. Eis que foi pelo caminho da educação que elas conseguiram transcender, empoderar-se.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da memória: Quem sou eu?** São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção questões fundamentais do ser humano ,7).

CALDART, Roseli Salet. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salet; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 1998, 240 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Zahar. 1973.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

_____. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LARAIA, Roque de Barros – **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1999.

NÓVOA, António. (Org). **Profissão Professor**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2008.

_____. (Org.). **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2007.

VALLE, Ione Ribeiro. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 87. p. 178-187. Brasília, 2006.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca básica da história da educação brasileira).